



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

18031 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

A DIMENSÃO ÉTICA DO TRABALHO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO MUNICÍPIO DE FORTALEZA: CONTRADIÇÕES ENTRE O SER E O DEVER SER NA FUNÇÃO

Charmenia Freitas de Sátiro - UFC - Universidade Federal do Ceará

Fátima Maria Nobre Lopes - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Adauto Lopes da Silva Filho - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

A DIMENSÃO ÉTICA DO TRABALHO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO MUNICÍPIO DE FORTALEZA: CONTRADIÇÕES ENTRE O SER E O DEVER SER NA FUNÇÃO

1. Introdução

Atualmente há uma necessidade premente de pensarmos a dimensão ética em todos os setores sociais, inclusive na educação, e aqui remetemos ao trabalho do coordenador pedagógico que se encontra com um desafio cada vez mais intenso no exercício da sua profissão. Imerso num ambiente educativo em que precisa gerenciar questões objetivas e estruturais, ao mesmo tempo em que precisa construir relações cotidianas de afetividade e de respeito com a comunidade escolar, necessita conviver e mediar conflitos entre pessoas com construções sociais diversas e adversas.

Diante desse cenário, precisamos refletir sobre essas contradições vivenciadas no cotidiano de um coordenador pedagógico que precisa, no dever da sua função, ser ético com todos e todas, enfrentando a contradição do agir que se manifesta entre as carentes condições objetivas da sua ação e o que é eticamente correto no âmbito social e educacional.

Tomando essas considerações, este artigo objetiva dissertar sobre a dimensão ética do trabalho do coordenador pedagógico evidenciando algumas contradições entre o ser e o dever ser na sua função. Tais contradições são reveladas na construção das relações interpessoais no ambiente escolar tomando, como amostragem, o município de Fortaleza. Trata-se, aqui, do recorte de uma pesquisa maior realizada na elaboração da tese de doutorado. Nela, utilizando nomes fictícios, buscamos identificar, pela fala dos pesquisados, como ocorre a sua prática no cotidiano escolar e de que modo conseguem desempenhar a sua função de coordenar uma escola pública de modo ético. Para alcançar o nosso objetivo, utilizamos a abordagem qualitativa respaldada numa pesquisa de campo, utilizando, como instrumento para a coleta de dados, a aplicação de questionários semiestruturados com uma amostra de 10 coordenadores pedagógicos da rede pública

municipal de ensino.

2. O dever ético como práxis reflexiva: o que dizem os coordenadores pedagógicos sobre ser ético no exercício da sua função

Sabemos que a escola pública está inserida num contexto social em que predomina um determinado modo de produção. Ademais, segue políticas governamentais que estipulam o seu currículo, com intencionalidades e finalidades pré-determinadas.

Porém, mesmo nesse contexto, não há como negarmos as mediações possíveis dos seres sociais que atuam nesse cenário, considerando o dinamismo da escola e as possibilidades de superação dos obstáculos, que surgem, pelos sujeitos que nela atuam e pela sua práxis. Lopes (2006, p. 76) seguindo a perspectiva lukacsiana, afirma que “os homens participam do destino da humanidade por meio das suas próprias ações”. Como sujeitos históricos, carregam consigo a possibilidade de mudanças por suas atitudes e escolhas cotidianas. Foi nesse cenário que aplicamos a nossa pesquisa.

Deméter (nome fictício), uma de nossas coordenadoras pesquisadas, quando indagada como ser ética na sua função, questiona se o agir ético, na prática, é realmente o agir correto. Assim ela se expressa:

Agir corretamente, para mim, é procurar não fugir dos princípios que me fundamentam como ser humano e, conseqüentemente, como profissional. Nesse sentido, é procurar ser justa, respeitosa e afetiva com os colegas e a comunidade escolar, é saber ouvir e falar quando se fizer necessário, é ser democrática, acessível, sincera [...]

Portanto, para Deméter, o agir ético está interligado com o agir de forma correta. Para ela, há uma base que sustenta tais ações, construções e princípios, que fundamentam as suas atitudes e escolhas da vida.

Outra pergunta da nossa pesquisa aos pesquisados referiu-se ao como agir de forma ética na coordenação pedagógica de uma escola pública. Obtivemos respostas que nos levaram a um só caminho na fala das pesquisadas: para elas, o coordenador pedagógico tem a necessidade de mediar as contradições entre o agir de forma afetiva, em sua subjetividade, mas orientada pela dimensão ética enfrentando, no seu agir cotidiano, as contradições do seu ser coordenador e do dever ser, ou seja como deveria ser as condições objetivas (estruturais) e subjetivas (de formação) para uma ação completamente ética na sua cotidianidade escolar. Trata-se, aqui, do que é eticamente correto no âmbito social e educacional, respeitando as diferenças e diversidades das pessoas e, conseqüentemente, respeitando o coletivo. O desafio apresentado pelas pessoas pesquisadas é manter e conviver de forma harmoniosa, apresentando soluções éticas diante dos conflitos que emergem no ambiente escolar. Nesse sentido, é comum, na fala das pesquisadas, colocar o coordenador como mediador das relações interpessoais da escola. Para Gaia (nome fictício) o coordenador é também

[...] um agente mediador de conflitos no ambiente escolar, conflitos existenciais do professor, conflitos pedagógicos e conflitos disciplinares dos alunos. Conflitos estes que muitas vezes sufocam o trabalho de acompanhamento pedagógico. O que deveria ser um trabalho colaborativo passa a ser unilateral.

Gaia deixa, em seu escrito, a mediação cotidiana realizada no dinamismo da escola pública, exigindo do coordenador pedagógico uma dimensão relacional de enfrentar conflitos com os sujeitos da comunidade escolar.

Íris (nome fictício), outra coordenadora pesquisada, complementa a fala de Gaia e afirma que o bom relacionamento e a escuta carinhosa com toda a comunidade escolar são exigências que não estão escritas nas atribuições da função, não estão no código de ética, mas constituem aspectos inerentes ao desempenho satisfatório do coordenador escolar no dia a dia da escola, sempre em parceria com a comunidade escolar.

Artemis (nome fictício) reconhece a importância desse ato de acolher na função do coordenador e fala da dificuldade de mediar o dever-ser: “Tenho sido uma coordenadora que acolhe e tenta compreender a todos. No entanto, venho percebendo que

devo ser mais cautelosa, pois não há como agradar a todas as pessoas, visto que cada uma tem suas necessidades e individualidades [...]”

Para a coordenadora Hebe (nome fictício), um dos aspectos mais importantes na coordenação pedagógica é o *acolhimento afetivo* no trabalho de gerir; o essencial na coordenação é acolher o corpo docente e ir em busca de um ambiente *acolhedor* para todos e todas.

Podemos perceber dessas falas que, para as coordenadoras pesquisadas, a ética do seu trabalho está ligada intrinsecamente ao agir de forma a respeitar o dever ser da função e, ao mesmo tempo, deve ser afetiva, acolhendo a comunidade escolar com a postura ética defendida pela instituição que representa. Nesse sentido, Artemis afirma: “o agir com ética profissional é uma prática primordial seja em qualquer cargo que estivermos, mas na coordenação é uma exigência; você não permanece se não conseguir ser ético, afetivo e humano”. E complementa, “não é o que eu penso fazer, é o que deve ser feito”. Podemos perceber que para Artémis é uma necessidade ser ético, buscando uma escuta harmoniosa com o professorado. Esse agir ético e afetivo fortalece o trabalho em equipe.

Nessa mesma direção, Afrodite (nome fictício) diz que, para agir corretamente, o coordenador pedagógico deverá ter uma formação sólida que vise, primeiramente, exercer sua humanidade e bom senso diante das tomadas de decisões. Assevera ser importante igualmente que, além da sua autonomia, o coordenador também socialize com seus pares as medidas mais sensatas a serem tomadas em momentos de dificuldades.

Metis (nome fictício) afirma que um coordenador pedagógico deve ter competência de apoiar os professores, orientá-los, dar sugestões eficazes, incentivá-los diariamente e, principalmente, ser ético com afetividade com toda a comunidade escolar. É imprescindível mostrar aos profissionais da educação que o seu papel faz toda a diferença na vida do educando. Tem uma questão macro, ensinamos para o bem comum da sociedade.

Para Hera (nome fictício), o coordenador pedagógico age corretamente quando é ético e quando busca o bem comum. Ser ético é agir como gostaria que o outro agisse consigo mesmo, com afetividade, respeito e alteridade.

Zeus (nome fictício) compartilha suas vivências e afirma que todo coordenador pedagógico deve agir com ética profissional, garantir uma rotina de aprendizagem para todos(as), articulando as relações interpessoais e disciplinares entre escola e família. E sobretudo deve respeitar as orientações da Secretaria Municipal de Educação.

Nessas falas das coordenadoras pedagógicas do município de Fortaleza podemos perceber, além do reconhecimento de uma ação pautada num dever ético social, voltado para o bem comum, tal ação implica também a necessidade da afetividade e do acolhimento no exercício do seu trabalho como coordenador pedagógico. Isso remete à necessidade de se reconhecer a importância da práxis reflexiva no cotidiano escolar.

3 Resultados e discussões: uma reflexão sobre a práxis do coordenador pedagógico no cotidiano escolar

Heller (2014, p. 31) nos ensina que “a vida cotidiana é de todos os homens”.

Assim todos os seres sociais estão inseridos num determinado modo de produção que influencia a sua forma de sociabilidade. O ser nasce biologicamente, é inserido numa determinada sociedade em que as estruturas já estão presentes e historicamente situadas. Portanto, a sua existência biológica pressupõe uma existência social de sua espécie, um ser humano exterior ao seu organismo, enquanto ser individual e social. Da mesma forma na escola, existe uma objetividade no ambiente escolar influenciando o seu cotidiano.

No caso específico do coordenador pedagógico, a sua cotidianidade é complexa e muitas vezes imediatista, visto que ele é inserido num ambiente escolar com uma clientela que enfrenta desafios, contradições e problemas em sua sociabilidade, considerando também a sua vida privada e social.

Desse modo, o coordenador pedagógico, como pessoa humana que envolve a sua subjetividade, crenças e particularidades, é colocado em um ambiente escolar no qual tem a necessidade de fazer escolhas de forma cotidiana em seu ofício de gerir pessoas nas suas relações escolares e no agir

para o processo de ensino e aprendizagem na escola. Entretanto, todas essas referências devem ser voltadas para um fim, tendo em vista o bem-estar comum.

Segundo Lopes (2006, p. 81), “[...] o dever-ser é um fator determinante da práxis subjetiva do trabalho, ou seja, o sujeito do trabalho deve realizar sua atividade tendo em vista o dever-ser do fim estabelecido na posição teleológica”. Aqui, mencionando o pensamento de Lukács (2013), a autora refere-se ao campo das teleologias primárias, no âmbito do trabalho. Assim também ocorre na educação no campo das teleologias secundárias, ou seja, o dever ser do fim deve ser levado em conta na práxis cotidiana do coordenador pedagógico.

Desse modo, o coordenador pedagógico participa da vida cotidiana da escola, e esta constitui a dinâmica do seu trabalho, no qual move suas capacidades particulares de operacionalizar os desafios da realidade objetiva escolar. De maneira imediata, ele necessita constantemente decidir e se posicionar para a resolução de problemas que surgem cotidiano, tornando-se, por vezes, um pragmatista, perguntando-se o que fez realmente de suas funções ao final do seu horário.

Portanto, no exercício das suas funções, vão surgindo demandas de forma heterogênea, em que são lançados problemas que absorvem muito tempo do coordenador. Na sua cotidianidade, vai tendo de hierarquizar o que considera mais urgente para definir as suas prioridades diárias. Tudo isso requer a práxis reflexiva do coordenador pedagógico, tendo em vista o seu dever ético no cotidiano da escola.

Podemos perceber que o trabalho do coordenador pedagógico tem uma dimensão geral e, ao mesmo tempo, específica. A mediação entre o *ser* e o *dever* ser do seu agir perpassa as condições objetivas, mas também particulares próprias do cotidiano, principalmente quando precisa decidir constantemente entre o que deve fazer em cada ação cotidiana e o que pode possibilitar o sucesso na obtenção ou no alcance de suprir as necessidades no seu trabalho da coordenação pedagógica.

Portanto, a realidade é exterior ao coordenador pedagógico, mas, mesmo inserido na sua cotidianidade, todo ser social tem alternativas, e a escolha é uma possibilidade no seu trabalho, decidindo o que é mais adequado em cada situação. É instintivo agir, responder de alguma forma; porém, essas ações são mediadas por escolhas, e, nesse momento, o coordenador pedagógico carrega a possibilidade de agir conforme um dever ético, a fim de contribuir para a elevação do humano genérico e não de forma subjetiva, de acordo com o que pensa nas suas construções individuais.

Entretanto, dependendo do contexto histórico, social e moral da sua realidade objetiva desde a infância, suas escolhas podem incidir de modo positivo ou negativo. Daí a necessidade de o coordenador pedagógico exercer uma reflexão sobre o seu cotidiano e acerca da totalidade onde está inserido, tendo sempre presente a elevação da generidade humana.

Portanto, o imediatismo da vida cotidiana faz com que, por vezes, escolhamos não refletir sobre os complexos sociais nos quais os problemas estão inseridos; e aqueles com os quais o coordenador pedagógico se depara no dia a dia não são diferentes. Muitas vezes o imediatismo retira a capacidade de reflexão no exercício da práxis humana. No entanto, isso não nega a esperança de existir a elevação desse pensamento e, conseqüentemente, a esperança do agir, tendo em vista a elevação da generidade humana.

Ângela Davis (2018), no seu livro *A liberdade é uma luta constante*, nos ensina que até para sermos livres, precisamos lutar para conseguirmos ser quem somos, com nossa identidade, corpo e subjetividade. Dessa forma, consideramos o agir ético também uma busca infinita do ser humano. Nesse sentido, Heller (2014) afirma que é no plano ético que se manifesta igualmente a sabedoria da vida no indivíduo, ou seja, em que medida ele é capaz de avaliar e escolher diante das circunstâncias, “aplicando” seus princípios sem se submeter passivamente à situação.

É também no plano ético que se manifesta a força, a resistência e a solidez do caráter. Todos os dias somos questionados sobre nossos aspectos morais, mesmo estando presente em nós, enquanto humanidade, a consciência do direito a uma vida verdadeiramente humana. Heller (2014, p. 157) nos ensina que a ética se manifesta na práxis; por isso, ela “[...] não pode existir sem uma realização prática, sem se realizar na prática de algum modo”. Para a autora, “[...] quando o indivíduo coloca a pergunta referente ao conteúdo moral e aos possíveis abertos à sua ação, a ética pode proporcionar uma resposta a essa pergunta, mas nunca lhe oferecerá conselhos concretos” (HELLER, 2014, p. 146). Nesse sentido, a ética é oriunda de reflexões das nossas ações e da nossa práxis, inclusive cotidiana, quando voltada para o bem comum.

O coordenador pedagógico é um sujeito social, com construções, valores e sua subjetividade. É um ser com características próprias de formação pessoal e profissional. É um articulador dos processos de aprendizagem que desenvolve um trabalho mútuo com toda a comunidade escolar, sobretudo é um ser que pode se tornar um provocador de mudanças positivas nas ações pedagógicas.

Por intermédio das reflexões e do seu agir no cotidiano é que se inicia o processo de mudança, pois, como nos lembra Heller (2014, p. 153), “[...] não podemos transformar o mundo se, ao mesmo tempo, não nos transformamos a nós mesmos”.

E aqui podemos reafirmar que é no cotidiano escolar, e a partir dele, que há a necessidade de se reconhecer que a práxis do coordenador pedagógico deve estar permeada pelo dever ético da sua profissão, atravessada por constantes reflexões, tendo em vista o bem da coletividade.

4 À guisa de conclusão: a mediação ética no trabalho do coordenador pedagógico

Nos achados da nossa pesquisa, pudemos perceber que existem contradições entre o ser e o dever ser do coordenador pedagógico no exercício das suas funções no cotidiano escolar. Dentre elas, destacamos a necessidade de se propocionar condições objetivas e de formação para um trabalho efetivamente ético do coordenador pedagógico e, conseqüentemente, construir um relacionamento interpessoal com os sujeitos da escola respeitando a dimensão ética do bem comum.

Isso nos faz inferir acerca da necessidade de se considerar o coordenador pedagógico como um profissional com o dever ético no sentido mais amplo do termo que, muitas vezes as suas ações vão para além das suas funções. Ou seja, além da sua preocupação com as relações interpessoais da comunidade escolar, os conteúdos disciplinares no currículo e com os métodos de ensino e aprendizagem dos professores da sua escola, ele também tem que mediar conflitos, relações sociais, afetivas, emocionais com o professorado e demais sujeitos da comunidade escolar. Como consequência dessa sobrecarga, muitas vezes faltam-lhe as condições necessárias para o exercício das suas funções de forma plenamente ética.

Portanto, a experiência na gestão escolar ensina, desde o início, a existência das determinações intrínsecas para quem ocupa esse cargo, porém nem sempre são proporcionadas as condições objetivas para tal. É certo que na cotidianidade da escola há a possibilidade de escolha para o seu agir de modo positivo, evidenciando a força dos valores éticos exteriorizados pelo seu trabalho na superação dos bloqueios que vão surgindo na sua práxis escolar. Esse agir ético é carregado por comportamentos de escuta, relacionamento harmonioso, partilhas e vivências, nas quais há uma mediação entre a dimensão pessoal e a profissional, que caminham juntas e são inseparáveis na relação entre o ser e o dever ser do coordenador pedagógico no seu trabalho escolar.

Não resta a dúvida de que o trabalho na escola pública é burocratizado e hierarquizado desde os primórdios do sistema social moderno, cuja origem está nas raízes estruturais do modo de produção capitalista. O que nos faz compreender que o coordenador pedagógico escolar faz parte de um espaço hierarquizado e burocrático, inclusive sua função está ancorada na origem do ato de fiscalizar os colegas docentes. Porém, a prática revela saberes relacionais, interpessoais, e indica a *ética* como um agir necessário e existencial no desempenho das suas funções.

Portanto, pudemos perceber que existem contradições vivenciadas no cargo do coordenador pedagógico, o que nos fazem refletir sobre o ser e o dever ser dessa função. No entanto, apesar dos inúmeros bloqueios, prevalece uma certa dimensão ética no trabalho do coordenador pedagógico revelada para além das suas obrigações funcionais. E isso faz a diferença para que alcancemos uma sociedade melhor, pois, é impossível transformar o mundo sem transformarmos as nossas próprias atitudes frente ao mundo, no aspecto pessoal e profissional, começando pela vida cotidiana. Na escola não é diferente, nela sempre deve estar presente o dever ético, inclusive no trabalho do coordenador pedagógico, que sempre deve estar voltado para o bem comum de todos e todas que

compoem a instituição escolar.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 4 set. 2023.

DAVIS, Ângela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LOPES, Fátima Maria Nobre. **Lukács: estranhamento, ética e formação humana**. 2006. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2006. Site: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3286/1/2006_Tese_FMNLOPES.pdf

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**. Tradução de Nélcio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.

SÁTIRO, Charmênia Freitas de. **O ser e o dever ser do coordenador pedagógico em escolas públicas municipais de Fortaleza: uma análise ética do seu trabalho a partir dos pressupostos ontológicos do filósofo György Lukács**. 2023. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2023. Site: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/76920/1/2023_tese_cfsatiro.pdf

Resumo

Este artigo é um recorte da pesquisa de doutorado *O ser e o dever ser do coordenador pedagógico em escolas públicas municipais de Fortaleza: uma análise da dimensão ética do seu trabalho a partir dos pressupostos ontológicos do filósofo Gyorgy Lukács*. Tem como objetivo dissertar sobre a dimensão ética do trabalho do coordenador pedagógico evidenciando algumas contradições entre o ser e o dever ser na sua função. Tais contradições são reveladas na cotidianidade do ambiente escolar tomando, como amostragem, o município de Fortaleza. Escolhemos a abordagem qualitativa respaldada numa pesquisa de campo que revelou a necessidade de compreendermos o coordenador pedagógico como um profissional de dever ético que, para além do seu papel, enfrenta cotidianamente contradições entre as suas funções e o seu agir na prática. Em nossas conclusões apontamos a necessidade de se propocionar condições objetivas e de formação para um trabalho efetivamente ético do coordenador pedagógico.

Palavras-chave: Ética. Ser. Dever Ser. Coordenador Pedagógico.